

# Mercado se beneficia com mais investidores

O ativismo dos fundos de pensão em todo o mundo tem sido fator vital para estimular a adoção das boas práticas de governança corporativa e para disseminar o conceito de sustentabilidade empresarial em várias frentes do mercado global. No Brasil, as entidades de previdência complementar também estão na linha de frente das mudanças corporativas ao exigir, das empresas investidas, maior transparência e práticas que asseguram o respeito ao investidor, responsabilidade social e ambiental, entre outros aspectos que, somados aos resultados financeiros, têm sido essenciais para melhorar as expectativas de retorno a longo prazo.

Em seus manuais de governança, os fundos de pensão brasileiros deixam cada vez mais clara essa exigência e, assim como buscam aperfeiçoar sua governança interna, avaliam com rigor crescente a disposição das empresas e dos administradores de empreendimentos nesse sentido, antes de tomar suas decisões de alocação de recursos. Os ativos “intangíveis”, desse modo, entram na ordem do dia e merecem análises criteriosas dos gestores de investimentos.



Divulgação

Com a expectativa da chegada do Brasil ao patamar de “investment grade” (grau de investimento) em 2008, o mercado de capitais brasileiro tende a ampliar esse movimento de convergência aos níveis de excelência que é exigido pelos investidores globais e redução do custo de capital das empresas brasileiras.

A tendência verificada pelos profissionais de Relações com Investidores mostra que as companhias abertas estarão cada vez mais atentas às boas práticas de gestão e ao atendimento de todas as necessidades de seus públicos estratégicos, como um diferencial que será fundamental na disputa por esse novo investidor, seja ele o local ou os grandes grupos internacionais.

O IBRI completa 10 anos em 2007 e os profissionais do setor percebem um processo evolutivo que vem sendo consolidado ao longo do tempo e no qual a atividade de Relações com Investidores já assumiu uma posição estratégica. Bem sintonizadas com as tendências globais, as companhias brasileiras dão espaço cada vez mais significativo para a área de RI, valorizando as iniciativas dessa área como

um de seus principais diferenciais de qualidade.

Fenômeno recente na história econômica brasileira, o processo de desenvolvimento de um mercado de capitais forte, democrático e pulverizado, capaz de funcionar como eficiente mecanismo de financiamento para as empresas ao mesmo tempo em que estimula uma cultura de investimentos de longo prazo junto à sociedade, representa uma conquista há muito esperada.

O avanço gradual dos últimos dez anos e a evolução mais vigorosa que fez renascer as emissões iniciais de ações na Bovespa nos últimos três anos marcam uma fase de profundas mudanças nesse cenário. Há muitas conquistas a comemorar, mas também grandes desafios pela frente.

Entre altos e baixos, esse mercado cresceu e se retraiu de maneira sistemática ao longo dos últimos trinta anos, desde que, em 1976, houve a criação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Os cenários político e econômico do País mudaram muito neste período e o mercado acompanhou as sucessivas crises internas e externas, procurando adaptar-se ao impacto de cada episódio mais traumático e preservar o valor das companhias.

Diante da forte concentração de negócios em ações de poucas companhias e sem a necessária pulverização de capitais, a Bolsa de Valores até bem pouco tempo atrás não era uma realidade palpável para um grande número de investidores. Cabe lembrar que a ampliação da base de investidores é que traz o oxigênio necessário para os negócios, reduz o impacto de movimentos especulativos e transmite maior segurança, atraindo número crescente de boas companhias.

Esse ciclo começou a mudar de maneira mais clara ao longo dos últimos dez anos e particularmente desde 2003, graças a uma série de movimentos econômicos e à evolução do cenário corporativo que permitiram ampliar o interesse do investidor nacional e estrangeiro pelos papéis de empresas brasileiras. O mercado respondeu rapidamente aos sinais positivos com o aperfeiçoamento da Lei das Sociedades Anônimas, a criação dos níveis de governança corporativa pela Bovespa, a competitividade das companhias brasileiras no mercado de capitais internacional por meio da negociação de ADRs (recibos de depósitos norte-americanos) e os programas de estímulo ao ingresso do investidor pessoa física no mercado, que têm funcionado para promover a pulverização da base de acionistas.

Felizmente, o mercado de capitais brasileiro começou a consolidar esse crescimento que exige cada vez mais a adoção das melhores práticas de Governança Corporativa e uma visão de sustentabilidade empresarial. Graças a isso, as novas emissões de ações e a chegada de empresas de diversos setores à Bovespa têm representado não apenas um salto no volume de operações, mas um salto qualitativo em termos de transparência e respeito ao investidor. Alguns números podem ilustrar melhor a evolução do nosso mercado de capitais:

- Valor de mercado das companhias listadas na Bovespa:

em 1995 = R\$ 143,5 bilhões; em Outubro de 2006 = R\$ 1,46 trilhão;

- Volume Financeiro Médio Diário Negociado na Bovespa: em 1995 = R\$ 259 milhões; em Novembro de 2006 = R\$ 2,8 bilhões;

- 90 empresas aderiram voluntariamente aos níveis de Governança Corporativa da Bovespa. Estas empresas juntas representam 58% (Novembro de 2006) do valor de mercado das companhias abertas listadas em bolsa;

- Em 2004 sete empresas abriram capital na Bolsa, em 2005 foram nove empresas e neste ano atingimos 14 novas companhias abertas, gerando novos recursos para a expansão das organizações nacionais.

Nesse ambiente, a atividade de Relações com Investidores também passou por profundas transformações conceituais e práticas, assumindo um papel estratégico para as companhias e para os investidores.

A educação do investidor e o aperfeiçoamento do conceito de sustentabilidade empresarial são dois conceitos estreitamente ligados e vitais para consolidar um mercado de capitais democrático e fortalecido. A idéia de sustentabilidade, cada vez mais disseminada no Brasil e no mundo, engloba o compromisso com a boa governança, comportamento ético e responsabilidade social e ambiental das companhias, o que se traduz em melhor geração de valor para as ações e ganhos mais consistentes a longo prazo.

Do ponto de vista do investidor, os programas de educação e orientação têm sido fundamentais para a transparência do mercado, ao mesmo tempo em que mostram a importância do investimento com visão de longo prazo. Essa, por sinal, é mais uma frente de trabalho assumida pelos profissionais de Relações com Investidores, representados pelo IBRI (Instituto Brasileiro de Relações com Investidores). Junto ao Comitê Consultivo de Educação da CVM, são discutidas alternativas para ampliar a capacitação do investidor. A idéia é fornecer ferramentas para que o investidor possa tomar decisões com autonomia, bem informado para defender suas necessidades e objetivos.

Como se vê, há grande espaço para o desenvolvimento do mercado de capitais e, certamente, quanto maior o número de investidores e de companhias na Bolsa, mais eficiente e produtivo será o mercado e, portanto, mais sólida a economia. Desde que os negócios continuem evoluindo sob a inspiração das boas práticas de governança, transparência das informações e respeito integral ao investidor, seja ele pequeno ou grande, veterano ou recém chegado ao mercado. Nesse contexto é essencial a participação dos investidores institucionais na construção de um mercado de capitais sustentável. A expectativa para 2007 é que haja continuidade no processo de novas aberturas de capital e contínua valorização das melhores práticas de Governança Corporativa e de Relações com Investidores. ▮

*Geraldo Soares é presidente executivo do IBRI - Instituto Brasileiro de Relações com Investidores*

***“A Bolsa,  
até bem  
pouco  
tempo  
atrás, não  
era uma  
realidade”***